

Perspectivas da pecuária madeirense face à adesão à CEE

A agricultura portuguesa, em geral e a madeirense em particular, irá, com a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, sofrer um forte desafio.

A evolução do sector estará na dependência da capacidade do agricultor português e madeirense em aproveitar o período de transição, subdividido em duas etapas, para as modificações técnico-funcionais da exploração. Paralelamente, terá de haver a adaptação das estruturas do circuito comercial, com o empalidecimento da intervenção do Estado, onde as indústrias de transformação terão um papel ímpar de dinamização, após, também elas, da necessária reestruturação.

Esta problemática tem maior acuidade na RAM, dado que as estruturas agrícolas se apresentam fortemente condicionadas, não só pela orografia que dificulta a prática da actividade agrícola, como pela facto da existência de uma acentuada divisão, dispersão e pulverização da propriedade. Acresce dizer que esta caracterização se agrava, na sua maioria com o declive da superfície útil, cerceando, deste modo, algumas produções bem como a sua mecanização. Naturalmente, que o facto reflecte-se na produtividade e nos custos de produção tirando qualquer possibilidade de competitividade.

Por outro lado, os empresários agrícolas pertencem, na sua maioria, à classe etária dos 50 anos, e uma minoria com menos de 35. Daqui se constata que o envelhecimento da classe empresarial é em elevado grau, o que não permite perspectivar um futuro promissor se as camadas jovens não forem interessadas, desde já, para os problemas da agricultura em geral.

De resto, já não é novidade ~~o~~ o decréscimo acentuado do efectivo bovino com as suas naturais incidências na produção de leite e de carne, Torna-se difícil dissociar estes produtos, visto que a produção de leite origina sempre produção de carne.

Esta diminuição não se tem repercutido na mesma intensidade na produção de leite uma vez que o melhoramento zootécnico realizado, nos últimos anos, fez elevar a produção individual e

hoje contamos com um bom lote de exemplares leiteiros. Para a efectivação de um programa deste tipo recorreremos à Inseminação Artificial e à importação de animais de melhor qualidade genética, sobretudo da Alemanha. É evidente também que se introduziram novas regras de manejo, com especial relevância no campo da higiene e alimentação animal.

A disponibilidade de área forrageira será sempre um óbice ao desenvolvimento da bovinicultura Regional. Daí, julgamos que a produção pecuária terá de ser incentivada nos sectores da avicultura e da suinicultura por não necessitarem do apoio de grandes extensões de terreno. Mesmo estas estarão sempre limitadas por factores de equilibrio ecológico e da instalação de núcleos populacionais.

A avicultura, por si só, já é quase suficiente para o abastecimento local, quer em ovos quer em carne.

De facto, constituída por unidades de satisfatória capacidade e razoável tecnologia, ela tem vindo a impor-se, de ano para ano, faltando ainda um Centro de Classificação de ovos, estrutura que em conjugação com o Centro de Abate poderá vir a assumir um papel importante no planeamento e desenvolvimento do sector.

Quanto à suinicultura, contamos com algumas unidades intensivas e em ciclo fechado, que nos leva a antever um fortalecimento do sector, alicerçando a nossa convicção na auto-suficiência de abastecimento em carne fresca e complementarmente na contribuição para a transformação.

A sua recente instalação permite-nos oer que haverá uma melhoria dos índices de produtividade de cada exploração resultando mais porcos.

Este crescendo de oferta implicará que a indústria transformadora seja uma realidade e origine um sistema de plena correlação de forças entre as duas partes intervenientes.

Esta previsão é baseada também no facto da recente valorização da carne de bovino que, estamos certos, irá provocar um novo esquema da dieta alimentar, com maior procura de carne

de suíno e derivados.

Em termos de futuro e tendo como meta o ano 2000, julgamos que a pecuária madeirense na sua estrutura geral não irá sofrer mutações apreciáveis. É certo que esta afirmação não resulta de um pensamento estático, mas pelas razões físicas já expostas e pelo sentido de posse que o madeirense evidencia, sentimento não modificável em curto espaço de tempo, a menos que o sistema político-jurídico o favoreça e a juventude o compreenda.

A competição criada entre os Estados membros da CEE, e no próprio Estado, leva-nos forçosamente a admitir que o fulcro da evolução da agricultura madeirense em geral e da pecuária em particular, residirá na capacidade de o agricultor se associar de modo a introduzir uma melhoria na produção, qualitativa e quantitativamente, e afirmar-se nos circuitos comerciais.

Relativamente à bovinicultura julgamos que a tendência para diminuição do efectivo se irá manter. No entanto, afigura-se-nos que poderá surgir uma "onda" contrária manifestada pelo aparecimento de novas explorações, de dimensão média, em terrenos não aproveitados para a horticultura, mas com condições para a produção erva e, por conseguinte, capazes de alimentar animais de ^{boa} recorte zootécnico.

A par disto, ocorrerá uma redifinição dos circuitos de recolha com a inevitável redução dos seus custos.

No tocante à avicultura, pensamos que os contornos gerais não serão alterados, mas será presumível que se assista ao abandono da actividade por parte das pequenas unidades e ao mesmo tempo a melhoria de capacidade e de tecnologia dos aviários de maior dimensão por forma a tirar todo o partido da qualidade genética das aves e produzir em competitividade.

Antevemos que paralelamente a esta acção, o ^{Centro de Abate} ~~matadouro~~ possa coordenar e programar as diferentes fases com vista a debelar as "crises" cíclicas no abastecimento público.

Finalmente, a suinicultura apresenta boas condições de funcionamento para poder alcançar o objectivo de abastecer o merca

do local em carne fresca e contribuir significativamente para a indústria de salsicharia. Esta é indispensável para escoar quaisquer excedentes de produção. Assim, o futuro da suinicultura será, em parte, o espelho do dinamismo da transformação e da capacidade de articulação entre esta e a produção.

Carlos de França Júnior
9.7.86